



ADUR-RJ S.SIND

ADUR INFORMA

ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - SEÇÃO SINDICAL DO ANDES-SN

EDIÇÃO Nº 180

JUNHO 2019



ADUR 40 ANOS DE LUTA NA RUA

EDITORIAL

Em 30 de maio de 1979 foi criada a ADUR-RJ, em uma assembleia convocada para este fim, que contou com a presença de 240 professores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, representando na época 60% dos docentes da Instituição. Dirigindo os trabalhos estavam alguns dos professores mais qualificados da Instituição, tais como: Raimundo Brás Filho, Mânlio Silvestre Fernandes, Antônio Figueiredo e Jair da Rocha Leal. A representatividade dos proponentes e o acirrado espírito de luta pelos direitos docentes fizeram com que a ADUR-RJ fosse atuante e combativa desde o nascedouro.

Em 30 de maio de 2019 nossa Associação Docente completou 40 anos! E neste momento, tão especial para nosso sindicato, nos vemos em uma conjuntura em que se ataca e se tenta destruir as entidades representativas e que defendem os interesses dos(as) trabalhadores(as).

Precisamos, então enfrentar, dentro e fora das universidades brasileiras, novos desafios que podem ser caracterizados, de forma geral, como políticos, ideológicos e econômicos. A cada nova assembleia deste ano víamos a necessidade do acirramento da luta para defender a universidade pública gratuita e socialmente referenciada, conforme vinha sendo construída ao longo desses 40 anos.

A ADUR-RJ, associação docente que nasceu e sobreviveu na luta não podia comemorar seus 40 anos de outra forma que não fosse lutando. Preocupados com os ataques vindos do atual Governo e com a possibilidade de ter seus recursos bloqueados, foi necessário carrear todo o esforço para o enfrentamento. Apesar das ameaças conseguimos manter a luta em defesa da educação pública brasileira e contra a Reforma da Previdência.

É assim que comemoramos os 40 anos da ADUR-RJ: na rua, na luta, junto a estudantes e técnicos da UFRRJ. Comemoramos, também, com a divulgação deste ADUR-Informa Especial que traz um pouco da nossa história e da nossa luta mais recente.

Diretoria da ADUR-RJ – Biênio 2018-2019



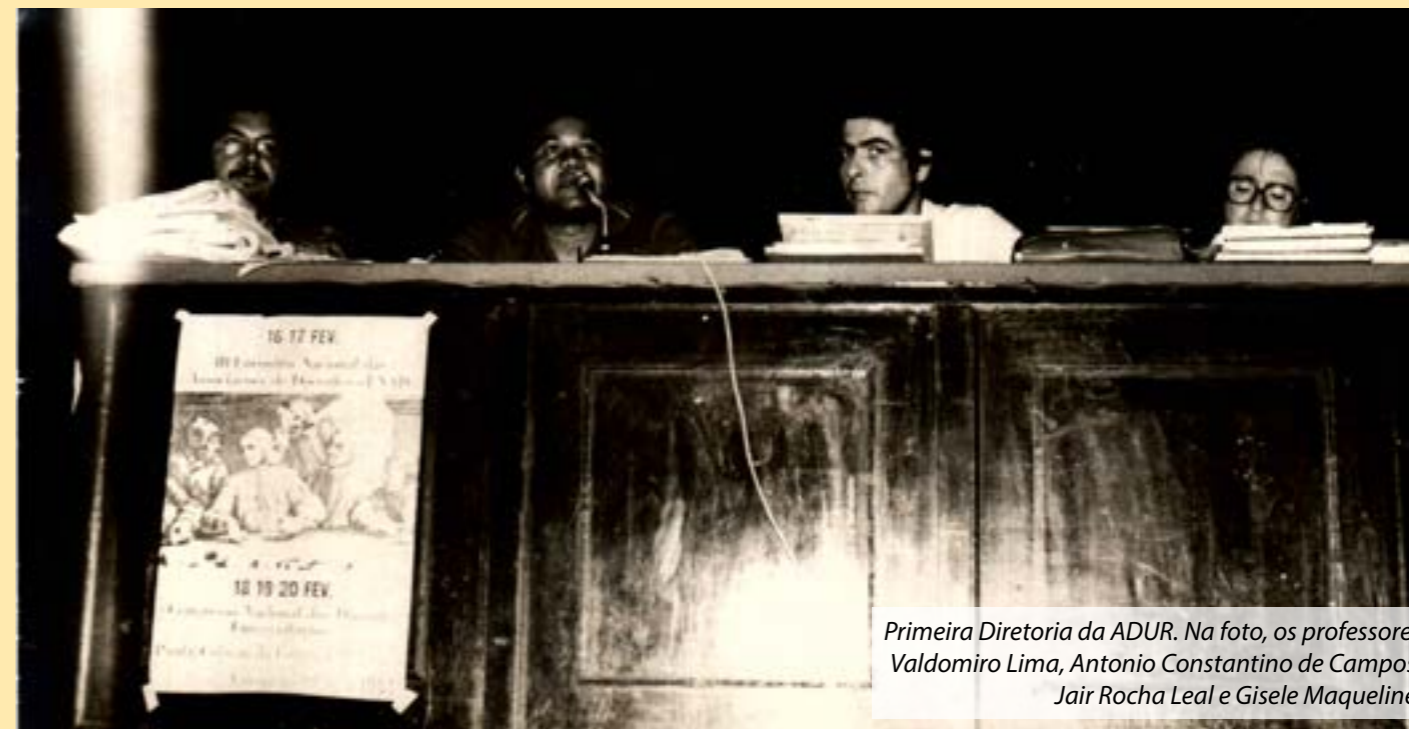
Ato pela readmissão do professor Walter Motta.



Assembleias da ADUR no Auditório Gustavo Dutra

FUNDAÇÃO

Por: Professor Raimundo Braz Filho e Professora Maria Maronci Monte Braz



Primeira Diretoria da ADUR. Na foto, os professores Valdomiro Lima, Antonio Constantino de Campos, Jair Rocha Leal e Gisele Maqueline.

Temos acompanhado com intenso entusiasmo o desempenho da nossa ADUR-RJ, histórico sindicato representante dos docentes da UFRRJ, criado em 1979 após amplo e prolongado debate final realizado no Gustavo lotado. Apesar de ocasionais e autoritários procedimentos de alguns dirigentes, assumindo posturas em sintonia com interesses partidários, a ADUR-RJ tem assumido com muita nitidez uma trajetória democrática de defesa da classe docente e outros trabalhadores, das instituições e dos serviços públicos, dos processos administrativos democráticos, da paridade salarial dos professores ativos e inativos (aposentados) e do ensino público gratuito de qualidade, sem esquecer os princípios essenciais da cidadania, da ética e dos interesses soberanos da nação brasileira. Podemos dizer que a ADUR-RJ consubstanciou sua missão com a prática sindical autêntica, independente e consciente na luta pela redemocratização do País,

na luta constante por direitos e deveres da classe docente e por soluções justas das grandes questões sociais.

O conjunto de princípios e diretrizes elaborados na ocasião pelos docentes, baseado também na convivência institucional envolvendo atividades administrativas e as contribuições de integrantes dos três segmentos da comunidade universitária em debates públicos destinados ao diagnóstico dos problemas, desafios e perspectivas futuras para o desenvolvimento da UFRRJ como patrimônio soberano e legítimo da sociedade, sem descuidar do contexto nacional e internacional. Essa metodologia que estava sendo adotada nos anos anteriores, consolidando a prática da participação aberta e democrática que contemplava a pluralidade de ideias e propostas em torno de um projeto de universidade inclusiva, comprometida com um a gestão democrática, transparente e com a

busca permanente da qualidade.

Reconhecemos e reafirmamos que as universidades, através do ensino de qualidade atualizada, formação de recursos humanos qualificados e geração de novos conhecimentos, constituem a base do desenvolvimento nacional necessário para alcançarmos o principal objetivo da República omo nação soberana e independente. Assim, a criação da ADUR-RJ, em 1979 na UFRRJ, consagrou-se como um marco histórico muito importante para os docentes da UFRRJ, com reflexos positivos no cenário universitário estadual e nacional. Na figura abaixo (Solenidade da ADUR-RJ durante a celebração dos 30 anos de luta, em 27 de novembro de 2009) aparecem alguns colegas pioneiros da fundação da ADUR-J/UFRRJ em 1979 que estiveram sempre presentes com atuação marcante e decisiva nas lutas e decisões da ADUR-RJ. Estes docentes continuam atores vivos da história do nosso vitorioso Sindicato ADUR-RJ.

ASSEMBLEIAS

Por: Professora Ana Maria Dantas Soares



No final dos anos 70 e início dos anos 80, não era permitida a utilização dos espaços da Universidade para a realização de reuniões e/ou assembleias docentes. O padre João, vigário da Igreja do Cruzeiro, situada no Bairro Residencial - conhecido como Ecologia, abriu as portas do salão da Igreja para os docentes realizarem suas reuniões. Os profs Jair Rocha Leal, Antonio Constantino de Campos, Valdomiro Neves Lima, Irlete Braga da Trindade, Gisele Machline Silva, Raimundo Braz Filho, dentre outros, lideravam esses importantes momentos de construção e resistência.

Assembleias da ADUR em diferentes momentos históricos



DITADURA MILITAR

Por: Professor Antonio Constantino de Campos



A ADUR-RJ foi fundada há 40 anos dentro do movimento nacional de resistência à ditadura e pela redemocratização do Brasil. O Golpe Militar que tomou conta do país a partir de primeiro de abril de 1964 derrubou o Presidente eleito legitimamente, fechou o Congresso Nacional, suspendeu as garantias constitucionais e prendeu, torturou e cassou quem

era apontado arbitrariamente como opositor do regime: agentes do executivo, legislativo e judiciário, professores, estudantes, líderes sindicais, servidores públicos, religiosos, jornalistas, intelectuais e pensadores os mais diversos. Esse processo deixou um rastro de mortos e desaparecidos.

Muitas instituições, com relevantes serviços sociais sofreram intervenções

e foram feridas de morte. São incontáveis os danos causados pela ditadura nos centros de produção do conhecimento.

Nas Universidades os danos foram gigantescos, em muitos casos atingindo as raízes do irrecuperável, com expulsão de professores, técnicos e principalmente estudantes. A nossa UR, com Reitor cassado e preso (junto com vários membros da comunidade), ficou sob o comando do quartel militar de Paracambi (RJ), mais conhecido como PAIOL.

Somente a partir da segunda metade dos anos de 1970, com a revogação do AI-5, que vários setores da sociedade (vários deles surgindo das cinzas do regime militar) conseguiram reunir forças para discutir a situação do país. Assim, vários sindicatos de trabalhadores, associações de bairro, diretórios acadêmicos de estudantes e organizações sociais diversas (muitas com sequelas da dura repressão) passaram a entender a necessidade da reunião de forças para lutar pela redemocratização do Brasil.

Na Universidade, amordaçada por longo tempo, a luta, pioneiramente travada pelos estudantes, foi fortalecida com o engajamento dos docentes e técnicos. Além da abordagem de questões nacionais buscava-se também a maior participação da comunidade universitária nas decisões no âmbito interno a começar pela escolha do Reitor da instituição.

No caso particular dos docentes as péssimas condições de trabalho e o salário aviltante eram ainda agravadas pela inexistência de uma carreira. Mais da metade do corpo docente (cerca de 57%) não

tinha estabilidade. Tal situação foi usada pela Administração para demitir o Prof. Walter Motta (que lutava pela construção da ciclovia ligando a UR a Seropédica), um ato arbitrário que provocou uma greve de mais de cem dias e foi o primeiro grande desafio da ADUR-RJ recém instituída.

Bem, esses foram os ingredientes conjunturais que contribuíram para a fundação da ADUR-RJ que teve a participação de muito(a)s companheiro(a)s e a liderança incontestante do Prof. Jair Rocha Leal.



GREVE DE FOME

Por: Professor Delson Lima Filho



Após 76 dias em greve, iniciada em 31 de março de 1998, pelo aumento salarial de 48,65%, pagamentos dos salários atrasados e o fim do programa de remuneração por meio de bolsas, o Comando Nacional de Greve, com base em dezenas de horas de discussão, decidiu apoiar a iniciativa de alguns professores pelo início da greve de fome.

Houve a preparação psicológica e clínica na Casa das Salesianas de Brasília e o movimento foi deflagrado

no auditório dos dois Candangos, na UnB. Além do não atendimento das reivindicações, acredito que a declaração do Ministro da educação, Paulo Renato, insinuando que a greve de fome objetivava emagrecer uns professores gordinhos, serviu de estopim para os candidatos que ainda não haviam se decidido por este instrumento radical de reivindicação. Eu fui um deles.

Apesar de não ter decisão de assembleia, decidi participar do

movimento pela gravidade em que os professores estavam inseridos, em especial, pelo atraso no pagamento, fato que levou muitos ao desespero. Após doze dias sem alimentos sólidos e apenas bebendo soro, terminamos a greve de fome, pois fui o primeiro a perder proteínas pela urina, além de ser um dos mais velhos do grupo. Na verdade, a perda de proteínas foi o argumento que usei para justificar a minha saída. Entretanto, outros fatos paralelos estavam acontecendo, como reuniões de professores com o Senador Antônio Carlos Magalhães buscando apoio político para assumirem a direção do Andes, o que acabou acontecendo, além das articulações para a criação do Proifes e de professores que se infiltraram no movimento para implodi-lo. A repercussão da greve de 88 dias tomou o noticiário nacional e internacional por um bom tempo. Entretanto, ações direitistas iniciaram o processo de esvaziamento da greve. Apesar do longo tempo de duração, a greve de 98 foi vitoriosa e serviu de bandeira para as outras greves que se seguiram.

UNIVERSIDADE NA PRAÇA



Praia de Ipanema



Cinelândia



Praça de Seropédica, nos anos 90



Mangueira



Praça XV, maio de 2019



Praça de Seropédica, em 2019

Com o objetivo de levar para as ruas o conhecimento produzido na universidade, no fim dos anos 80, as instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro começaram a promover atividades conhecidas como "Universidade na Praça". A atividade incluía exposição de trabalhos, aulas

públicas, campanhas de vacinação de animais, serviços de saúde, apresentações informativas voltadas para crianças, dentre várias outras possibilidades.

Na UFRJ, a ADUR-RJ mobilizou professores, estudantes e técnicos administrativos em "Universidades na Praça" marcantes. "Começou

em uma greve, nosso objetivo era mostrar para as pessoas o que era universidade. Todo mundo falava que a gente só fazia greve salarial e a gente queria mostrar o que era universidade", conta Maria Teresa Carneiro da Cunha, professora do Departamento de Matemática da UFRJ, que esteve presente nas

primeiras atividades.

Os professores que participaram das primeiras "Universidades na Praça" destacam algumas marcantes. Dentre as que sempre são lembradas estão as que aconteceram na praia de Ipanema, quando alguns animais foram levados, e uma outra que aconteceu

na Mangueira. "Tinha um estudante nosso que fazia parte da Associação de Moradores da Mangueira e ele fez a ponte", conta Teresa.

As atividades continuaram acontecendo no decorrer dos anos, porém, com menor adesão que as primeiras. No último dia 30 de maio, no entanto, uma

grande atividade organizada pelas instituições de Ensino do Rio de Janeiro em conjunto reviveu o método e mobilizou centenas de estudantes, professores e trabalhadores da educação. O objetivo era o mesmo: levar para as ruas o conhecimento produzido na universidade.

ATOS E MANIFESTAÇÕES

Participação da ADUR-RJ em protestos ao longo da história



Atos em defesa da educação levam milhões às ruas por todo o país em maio



Manifestantes ocuparam todas as vias da Avenida Presidente Vargas no dia 15 de maio em defesa da educação. Foto: Mídia Ninja

Duas grandes mobilizações em defesa da educação levaram milhões de pessoas pelo país a protestar contra o governo Bolsonaro durante o mês de maio. As manifestações do dia 15 e do dia 30 demonstraram uma crescente perda de apoio popular ao presidente. Segundo levantamento feito pela revista XP/Ipespe, as avaliações negativas do governo superam as positivas: 36% dos entrevistados consideram a gestão como “ruim” ou “péssima”, um aumento de 5 pontos percentuais em relação ao resultado no início do mesmo mês.

No dia 15 e no dia 30, em todo o Brasil, estudantes, professores, trabalhadores da educação e de outros setores em geral saíram às ruas em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade. No dia 15, na Greve Nacional da Educação, pelo menos 200 cidades em todos os estados do país e no Distrito Federal pararam para lutar contra os ataques do governo Bolsonaro

à educação. No dia 30, protestos aconteceram em 136 cidades.

A estimativa dos organizadores é de que cerca de 200 mil pessoas ocuparam as ruas do centro do Rio de Janeiro no dia 15. Além da grande manifestação que marchou da Candelária à Central do Brasil, no mesmo dia também aconteceu, pela manhã, a atividade “Educação na Praça”. Na Praça XV, centro do Rio de Janeiro, foram realizadas aulas públicas, oficinas e exposições de trabalhos científicos. O objetivo foi levar para as ruas o conhecimento produzido nas universidades e escolas. Estiveram presentes alunos e professores dos Institutos Federais do Rio de Janeiro, do Cefet-RJ, Uerj, UFRJ, Unirio, UFF, UFRRJ, entre outros.

Na data, 12 ônibus saíram da UFRRJ levando estudantes, professores e técnicos para as atividades de luta no centro do Rio de Janeiro. Quem estava na Praça XV se juntou às pessoas que já estavam na Candelária. Todas as

faixas da Avenida Presidente Vargas foram tomadas pelo ato que serviu de aquecimento para a Greve Geral, marcada para o dia 14 de junho. Em Seropédica, também aconteceu uma atividade denominada Rural na Praça, no Km 49, e uma manifestação em defesa da educação.

No dia 30, data em que a Associação dos Docentes da Universidade Rural, ADUR-RJ, completou 40 anos de fundação, a celebração foi na rua, durante o segundo grande ato em defesa da educação pública. Com uma trajetória marcada por atuação política e importantes conquistas, a comemoração como não poderia ser diferente.

Nos textos a seguir, na cobertura da ADUR sobre as mobilizações, leia mais detalhes sobre as atividades do dia 15 no texto sobre o Educação na Praça que aconteceu na Praça XV e na outra reportagem sobre as ações em Seropédica. Em seguida, você encontrará a cobertura do dia 30.

Educação na Praça leva produções científicas às ruas



Estudantes e professores da UFRRJ marcaram presença na atividade Educação na Praça, que aconteceu no centro do Rio de Janeiro, na Praça XV.

A Greve Nacional da Educação contra os cortes anunciados pelo MEC reuniu, no dia 15 de maio, estudantes secundaristas, universitários, professores e técnicos de institutos federais e universidades públicas para realizarem atividades educativas ao ar livre. No Rio de Janeiro, a mobilização começou logo pela manhã na Praça XV, centro da capital, com a Educação na Praça

No local, aconteceram aulas públicas, oficinas de preparação de cartazes, exposições de trabalhos e pesquisas realizadas dentro das universidades. Os materiais e a produção ficaram expostos em tendas e barracas, onde professores e estudantes responsáveis permaneceram à disposição para comentar cada um deles.

A iniciativa de ocupar um espaço público como a Praça XV foi apresentar para a comunidade, em um local acessível a todos, a importância das

pesquisas científicas para a sociedade civil no cotidiano.

Cortes ameaçam desenvolvimento das pesquisas

As professoras do Departamento de Botânica, do Curso de Biologia da UFRRJ, Jacira Rabelo e Nívea Dias, expuseram os projetos de pesquisa que desenvolvem. Elas estudam, dentre outras, espécies vegetais ameaçadas de extinção. Na tenda, as docentes deram aulas públicas sobre estrutura, a paisagem, a relação e características da flora, funcionamento da anatomia vegetal, etc.

A professora Jacira conta que os projetos envolvem alunos desde a iniciação científica até cursos de pós-graduação, como mestrado e doutorado. "Tratam as bolsas como se elas fossem um auxílio, e não são. Para muitos, principalmente para alunos

de pós-graduação, a bolsa é o salário porque a pesquisa é o trabalho", afirma. Segundo ela, os cortes na educação comprometem o desenvolvimento das pesquisas, as bolsas dos pesquisadores e até mesmo o deslocamento para os trabalhos de campo. Ela considera que os cortes são um prejuízo para toda a comunidade, pois atrapalha o retorno social das pesquisas. "Nós que trabalhamos com área ambiental, ainda estamos sendo ameaçados duplamente: pelo Ministério da Educação, no corte de recursos, e pelo Ministério do Meio Ambiente, na liberação de atos criminosos", acrescenta.

Mais um dos projetos da UFRRJ foi o da professora do departamento de Química, Aparecida Cayoco Ponzoni. Ela levou a exposição sobre o processo de funcionamento físico do pulmão na respiração, que integra o projeto de Residência Pedagógica

que ela coordena. Ela afirmou que acredita na Universidade enquanto formadora de profissionais e destacou o perigo que os cortes representam. "Nós estamos conscientizando as pessoas da importância da ciência e principalmente do ensino nas Universidades. A gente teve o mínimo de verba para realização desses projetos e se cortar mais, vai ser trágico. Não vamos ter como manter os materiais para o curso de graduação e nem para os projetos. Seria impossível manter os bolsistas."

A exposição das produções científicas abrangeu várias áreas, levando para a Praça XV programas como o BugLab, coordenado por André Paz, professor do curso Engenharia de Produção com ênfase cultural na Unirio. O programa tem apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Unirio e atualmente conta com bolsistas e voluntários. A pesquisa trabalha com divulgação de obras de narrativas imersivas e interativas, como documentários e animações com o uso de realidade virtual. O docente informou que o projeto de extensão tem uma série de atividades de colaboração e assessoria ligadas a pequenas produtoras, coletivos de arte, ONGs, e trabalhos iniciantes que recebem seu apoio.

Thiago Medeiros, aluno do 3º período do curso de Engenharia de Produção na Unirio, atua no BugLab. Ele argumentou que a divulgação dos vídeos de realidade imersiva ainda é um mercado pequeno no Brasil e os cortes anunciados pelo Governo Federal vão afetar a infraestrutura de desenvolvimento do trabalho. "Com esses cortes, vamos perder a capacidade de estender aos pequenos produtores o apoio do projeto com o material que produzimos sobre a realidade brasileira, sobre a Amazônia, sobre a história do país", declarou o estudante.

Além da divulgação das produções científicas, outros educadores também estiveram presentes para acompanhar as exposições e somar na mobilização. Foi o caso do professor Vanderlei Sebastião de Freitas, do IFRJ no campus de São Gonçalo, em Niterói. Formado pela UFMG, ele é



Thiago Medeiros e André Paz, estudante e professor, demonstram o funcionamento do programa de imersão virtual BugLab.



O professor do IFRJ Vanderlei Sebastião de Freitas e a estudante Caroline Victoria defendem a educação pública de qualidade desde o nível básico.

contra os cortes por acreditar que a educação pública deve ter uma atuação crítica para formar cidadãos que encarem o mundo, gerem ações e saibam transformá-lo.

Uma de suas estudantes no IFRJ, Caroline Victoria Azevedo Santos, de 17 anos, que cursa o Técnico em Química na unidade e estava presente ao ato, disse que tem o sonho de estudar Engenharia Química na Universidade Federal Fluminense quando concluir o ensino médio. "A minha área é responsável por diversas inovações

para a sociedade civil, como projetos de fotoproteção, que são para a criação de protetores solares para evitar o câncer de pele, têm confecção de sabão e produtos de limpeza, e até mesmo projetos mais relacionados à física", explica. Ela acredita que os cortes do Governo Federal vão afetar a vida de muita gente que depende da educação pública. "Não só eu, como vários jovens do país inteiro vão ter seus sonhos impedidos. A educação não é um gasto, é um meio que todos nós necessitamos", conclui.

Seropédica se mobiliza em defesa da educação



No dia 15 de maio, em todo o Brasil, estudantes, professores e trabalhadores em geral saíram às ruas na Greve Nacional da Educação. Ao menos 200 cidades em todos os estados do país e no Distrito Federal pararam para lutar contra os ataques do governo Bolsonaro à educação. Seropédica foi uma destas cidades.

Liderada pelo Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE-Seropédica), a programação do dia começou cedo, com a atividade Educação da Praça. Estudantes e professores do CTUR e da UFRRJ levaram suas pesquisas e trabalhos de extensão para a Praça no km 39 da BR, onde dialogaram com a população.

Um dos trabalhos apresentados foi o Geo-grafias, que integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas Geo-Culturais. O projeto de iniciação científica do CTUR é coordenado pela professora Geny Guimarães e conta com duas estudantes da escola, Ana Beatriz Machado e Lorena Araújo. O projeto se desenvolve a partir da interdisciplinaridade

entre a Geografia e a Literatura e inclui a leitura de textos e artigos acadêmicos, mas também a organização de saraus, rodas de conversas e de leituras.

“Nós trabalhamos a relação da literatura junto com a geografia, com foco nas questões sociais, falando sobre vozes minoritárias que foram apagadas com o tempo”, declarou Lorena. “A gente puxa esses contextos trazendo para o cotidiano, trazendo mais para perto das pessoas, para tornar algo mais comum, para não ficar só no meio acadêmico”, acrescentou.

Outro projeto presente na atividade foi o Programa de Educação Tutorial do curso de Engenharia Florestal. Enquanto Isabela Bandeira, integrante do Programa e estudante do 7º período apresentava o curso de Engenharia Florestal para um grupo de estudantes, Rodrigo Cordeiro se destacava. Ele cursa o técnico em Meio Ambiente do CTUR e fez várias perguntas sobre as disciplinas do curso de graduação, as possibilidades de atuação do

engenheiro florestal, o mercado trabalho, entre outros.

Após sanar as dúvidas de Rodrigo e enaltecer as possibilidades do curso de Engenharia Florestal, ela contou um pouco mais sobre a atuação do PET-Floresta. Isabela explicou que atua em escolas públicas de Seropédica e que a proposta é apresentar o Enem, a UFRRJ e por último o curso de Engenharia Florestal para estudantes do Ensino Médio.

Ela contou que a iniciativa de participar da atividade partiu dos bolsistas, que se dividiram entre Seropédica e a Praça XV, no centro do Rio de Janeiro, onde outra atividade da mesma natureza acontecia. Ela também demonstrou preocupação com os cortes de verbas apontados pelo governo federal. “Como tem uma verba diferente da universidade e um adiantamento do dinheiro destinado ao próximo ano, o PET-Floresta está assegurado até o fim de 2020, mas o nosso Instituto de Floresta recebeu apenas 30 mil reais para todas as despesas do

ano. Isso significa que cada um dos três departamentos tem menos de R\$ 1 mil por mês para fazer várias atividades importantíssimas”, denunciou Isabela.

Ato simbólico caminhou do centro do Km 49 à UFRRJ

Mesmo com a chuva, quem estava na atividade se juntou à manifestação que marchou da Praça do Km 49 à UFRRJ. Nos discursos e palavras de ordem, duas pautas principais, os cortes na educação e a reforma da previdência.

“A gente vive um momento que a gente tem duas pautas. Uma é o corte de verbas, essa tesourada que o MEC está fazendo que afeta a universidade, a pós-graduação, o CTUR, a rede municipal, a rede estadual. Aquilo que estava ruim agora vai ficar muito pior”, explicou Hugo Lopes de Oliveira, professor do CAIC e integrante da coordenação geral do Sepe-Seropédica. “E a gente tem a reforma da previdência, que afeta aqueles que já estão aposentados, aqueles que ainda estão no caminho para a aposentadoria, mas afeta



Lorena Araújo e Ana Beatriz Machado são voluntárias no projeto que aproxima literatura e geografia.

principalmente quem ainda não ingressou no mercado de trabalho”, acrescentou.

Sobre a reforma da previdência, ele advertiu “Não caiam na jogada de discutir déficit da previdência pública. Isso é uma jogada do governo. A previdência não é financeira, não é econômica, ela é social”. Já sobre a educação, foi mais

incisivo: “nós não admitimos nenhum ataque à educação, aos alunos, aos servidores, aos professores. E é na rua que a gente vai defender esse país, porque esse país não é de presidente A ou B, de partido A ou B. Esse país é nosso, desse povo que é guerreiro, é batalhador, é vencedor”, anunciou Hugo, arrancando gritos de apoio das pessoas presentes.

ADUR-RJ comemora 40 anos na rua, em defesa da educação

No último dia 30 de maio, a Associação dos Docentes da Universidade Rural, ADUR-RJ completou 40 anos de fundação, uma trajetória marcada por atuação política e importantes conquistas. No mesmo dia aconteceu o segundo grande ato em defesa da educação, mais um protesto contra o governo Bolsonaro. A comemoração dos 40 anos da ADUR foi na rua, em defesa da educação pública.

“A ADUR completou esses 40 anos nas ruas juntamente com milhares de pessoas resistindo pelo direito de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Foi uma boa comemoração e eu acho que mostra que a população tem essa leitura, de que é muito importante

resistir e garantir a educação para as gerações futuras, não somente para as gerações de agora”, declarou o professor do departamento de Biologia Animal, Luciano Alonso, que participou do ato.

O 30M aconteceu em pelo menos 136 cidades do país espalhadas por 25 Estados e no Distrito Federal. Organizados pela União Nacional dos Estudantes (UNE), e com o apoio de centrais sindicais, os protestos tiveram como pauta principal a defesa da educação. A luta contra a reforma da previdência e a defesa da Greve Geral no dia 14 de junho também estiveram presentes nas falas e palavras de ordem do ato. Seguindo deliberação da Assembleia da ADUR, foram disponibilizados



nove ônibus para levar estudantes e professores para o ato, oito ônibus saíram de Seropédica e um do Instituto Multidisciplinar, em Nova Iguaçu. Também foi disponibilizada uma van para levar estudantes do Instituto Três Rios para o protesto no centro do Rio de Janeiro.

Uma das estudantes da UFRRJ que estava em um dos ônibus e deu seu depoimento foi Louize Braga. “Como todo mundo aqui, eu sou contra as barbaridades desse governo: cortes na educação, reforma da previdência, tudo isso que o governo está fazendo, principalmente os cortes na universidade pública”, declarou a estudante do 4º período de Psicologia. “Isso tudo me atinge diretamente, e não só me atinge como eu acho que atinge toda a sociedade em diferentes graus, apesar das pessoas acharem que não”, acrescentou.

O protesto do dia 30 de maio é uma continuidade das mobilizações que aconteceram no dia 15 do mesmo mês, quando milhares de pessoas foram às ruas protestar em defesa da educação e foram chamadas de “idiotas úteis” pelo presidente do país. O ato também é uma resposta às manifestações pró-governo, que aconteceram no dia 26.

Histórico

No dia 29 de março o governo baixou um decreto que contingenciou R\$ 29 bilhões do orçamento geral, no qual o Ministério da Educação foi o mais afetado, com um corte de R\$ 5,8 bi. No fim do mês de abril, o ministro da educação Abraham Weintraub anunciou o bloqueio de 30% do orçamento de três universidades federais: UnB, UFF e UFBA. A justificativa do ministro foi



Na primeira foto, professores da UFRRJ presentes no ato. Na segunda foto, funcionários da ADUR no dia 30 de maio, data da celebração de 40 anos.

que as instituições estariam fazendo balbúrdia ao invés de cumprirem o papel de ensino e pesquisa. As três universidades estão entre as mais produtivas do país, o que invalida a declaração de Weintraub. Com a repercussão do anúncio, a resposta do ministro foi anunciar que o bloqueio valeria para todas as Universidades e Institutos Federais.

Em meio a uma série de declarações do

ministro da educação e do presidente da república, atacando principalmente os cursos das ciências humanas que, de acordo com eles não têm serventia prática, estudantes e profissionais da educação foram se mobilizando. A resposta aconteceu nas ruas, com grandes protestos no dia 15 e no dia 30 de maio, ampliando e a expectativa de uma grande mobilização no dia 14 de junho, data da Greve Geral.

ADUR INFORMA

Presidente: Luís Mauro S Magalhães, **1º Vice-Presidente:** Victor Cruz Rodrigues, **2º Vice-Presidente:** João Telhado Pereira, **1ª Secretária:** Denise Monte Braz, **2ª Secretária:** Célia Regina Otranto, **1º Tesoureiro:** Antônio José Mayhe Nunes, **2º Tesoureiro:** Leandro Tomaz de Araújo.

Equipe de Comunicação

Jornalista: Pollyana Lopes

Rod. BR 465, Km 7 - Campus da UFRRJ - Seropédica, RJ
CEP: 28851-970 - Caixa Postal: 74537